

**Cem Anos Cem Biografias**

# **Figuras do Passado Sambrasense**



**Joaquim Manuel Dias**

## **Ficha Técnica**

AUTOR - JoaquimManuel Dias

TÍTULO - 100 Anos 100 Biografias

EDIÇÃO - Notícias de S. Braz

REVISÃO DO TEXTO - Amélia Viana

CAPA - Nelson Assunção

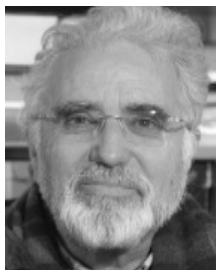
APOIOS - Câmara Municipal de São Brás de Alportel  
Junta de Freguesia de São Brás de Alportel

EXECUÇÃO GRÁFICA - Gráfica Ossonoba

DEPÓSITO LEGAL - 388039 / 15

TIRAGEM - 1000 Exemplares

Março de 2015



## Biografias... porquê?

Sobe-se a pulso a montanha. Pára-se aqui e além: a necessária recuperação de alento; o saborear das novas perspectivas; a necessidade de ganhar mais fôlego – pois importa prosseguir!

Quando, porém, se adregou chegar a acolhedora pousada, amiúde se nos apresentam, como em filme, tantos momentos vividos, tantas experiências colhidas, tantos escolhos vencidos e dores ultrapassadas, as peripécias por que passámos, desaíres, aventuras, instantes de grande júbilo, descidas aos infernos da desolação...: «Dava um filme a minha vida!», desabafa-se com os amigos ou, mui simplesmente, com os nossos próprios botões... Um filme, pensamos, para arrumar memórias e sentir que vivemos ou, mais presumidamente, no objectivo de sermos exemplo – a seguir ou a evitar!... Um filme, um romance, uma história. Ao longo da subida fomos, decerto, deixando, aqui e além, as nossas impressões, em partilha – a aproveitar depois por nós ou por quem as encontre e lhe despertem atenção.

Há, na verdade, essa razão para se publicarem biografias de são-brasenses e – ainda mais – em contexto de centenário da elevação de São Brás de Alportel a concelho. Com a história do nosso semelhante ficamos edificados e, por mais ínvios que hajam sido os caminhos percorridos, restam sempre inúmeras lições a tirar. Aliás, noutros locais se teve idêntica intenção: em Cascais, por iniciativa do Comendador Joaquim Baraona, publicaram-se, em 1995 e 1998, dois volumosos tomos subordinados ao título Personalidades da Costa do Estoril.

Há, porém, uma razão mais: é que todos gostamos de histórias. Cristo ensinou através de parábolas, histórias breves, que traziam consigo, de forma aliciante e concreta, uma filosofia de vida e de acção. Cedo os escritores compreenderam ser esse um veículo eficaz de transmissão de ideias. E Esopo (620-560 a. C.) escreveu fábulas. La Fontaine (1621-1695) também. E Curvo Semedo ( [HYPERLINK “http://pt.wikipedia.org/wiki/1766”](http://pt.wikipedia.org/wiki/1766) \o “1766” 1766-[HYPERLINK “http://pt.wikipedia.org/wiki/1838”](http://pt.wikipedia.org/wiki/1838) \o “1838” 1838). E tantos outros. Muitas vezes em verso até – para ser mais bonito e fácil de apreender. Fábulas são histórias de animais; animais onde, no fundo, o Homem se sente espelhar.

Há fases da vida em que as biografias nos são especialmente caras: a juventude, quando criamos os nossos ídolos; e ao sentirmos a vida entardecer, para confrontarmos com a nossa a existência alheia.

O indivíduo, porém, nunca está sozinho. Se não podemos aceitar, sem mais, a ideia de que é fruto do ambiente em que vive, porque tem força de vontade e é capaz de tudo vencer, sentimos que esse ambiente – o físico, o climático, o social, o familiar... – inexoravelmente nos molda, mesmo sem uma intenção explícita de o fazer. Daí um outro aspecto importante nas biografias: ao narrarmos a vida de alguém, somos forçados a dar conta dos acontecimentos em que participou, das pessoas com quem esteve em contacto, da história da sua localidade.

Escusado será, pois, dizer quanto aplaudo esta publicação. Uma narrativa singela, sem a mínima preocupação literária nem envolventes divagações histórico-filosóficas. Pão pão queijo queijo. Foi assim que me contaram, assim o escrevo. Sem floreios nem rodiguinhos para ficar bem na fotografia – que a modéstia do Autor jamais lho permitiu. Também esse aspecto, aliás, acaba por ser sedutor, tão terra-a-terra tudo nos é apresentado. Aceitou Glória Maria Marreiros fazer «breve apresentação» desta obra, ela que foi a autora de *Quem Foi Quem? 200 Algarvios do Século XX* (Edições Colibri, Lisboa, 2ª edição: 2001) e que, por conseguinte, conhece bem o panorama aqui traçado. Fala do autor e da importância da obra. Permita-se-me que algo acrescente, resultante das impressões colhidas ao percorrer estas páginas sempre ilustradas não apenas com a fotografia do biografado (são apresentados os 100 por ordem alfabética do primeiro nome) mas também duma ou doutra mais sugestiva da sua actividade. E esse aspecto é igualmente de muito louvar, ainda que, por imperativos editoriais, essas fotografias não tenham podido ampliar-se, para melhor se distinguirem pormenores da paisagem, das casas antigas e se identificarem pessoas.

Como Glória Maria Marreiros bem frisou, estas são as histórias de pessoas (mais de homens que de mulheres, é verdade, mas sabemos que esses eram os tempos então!...) e, simultaneamente, o retrato de uma comunidade.

Apreciamos o relevante papel de um farmacêutico, Virgílio de Passos, que terá organizado o processo de elevação a vila da aldeia de Alportel. Ficamos surpreendidos por um dos nossos patrícios, o entomólogo José Passos de Carvalho, ter dedicado substancial parte da sua vida ao estudo científico das borboletas. Choramos a perda precoce do virtuosismo de Teresa Martins Guerreiro (1968-1992) no seu acordeão. Encantamo-nos com a actriz Mariana Vilar (1927-1998). Partilhamos do entusiasmo de Júlio César Rosalis, quando cria o Centro Escolar Republicano (como tantos outros centros idênticos por esse País além), destinado a dar ao Povo instrução, que não “cultura”, pois que a cultura é da instrução que vai naturalmente promanar, e os republicanos bem no proclamavam – e hoje importava de novo dizê-lo!

Recuamos ao tempo em que a Medicina tinha carácter familiar. Bem querem, na actualidade, voltar a esses exemplares modelos, com a figura do ‘médico de família’! As ‘circunstâncias, porém, outras são e as ‘travessuras’ bem diferentes. Foi o Dr. Victorino Passos Pinto (1870-1937) que fez no Algarve a primeira operação à apendicite, feito que teve eco pelo País. E não se esquece Joaquim Manuel Dias de anotar que o doutor morreu pejado de dívidas na farmácia, dos remédios que mandava aviar em seu nome aos doentes que não tinham posses para os pagar.

Impossível se torna aludir ao que de emblemático nos pode proporcionar a narrativa singela e curta de cada uma destas vidas, a saborear com atenção e serenidade, sem pressa alguma. A «história de vida» de Maria Martins Belchior (1910-2010) permite-nos, todavia, não esquecer um dos outros aspectos típicos das gentes são-brasenses: a enorme capacidade de, sem perderem o cordão umbilical ao torrão que os viu nascer, partirem em busca de oportunidades melhores. Faleceu em Comodoro Rivadavia, na Argentina. Foi esse – como a Venezuela, Marrocos, o Canadá, os Estados Unidos... – um dos mais aliciantes pólos de atracção. E aí, como noutros locais, se distinguiram.

Merece, a terminar, José Vicente de Brito uma alusão especial. Não que pintores, sacerdotes, artesãos, zelosos funcionários públicos, advogados, médicos, professores (ah! a referência às professoras que vem sempre envolvida num halo de ternura imensa!...) não merecessem ainda mais destaque nesta reflexão. Mereceriam; perdoar-se-me-á, contudo, se aproveito esta biografia para falar do seu enquadramento, na sequência do que atrás se dizia acerca do Homem e da sua conjuntura. É que Zé Vicente nos é estranhamente apresentado como... «poeta popular»!

«Depois dos longos dias de trabalho, quase sempre mal comidos, que para os rurais era de sol a sol, lá vinha José Vicente cumprir ‘religiosamente’ a ‘promessa’ de afogar as amarguras da vida nuns copos de carrascão», de preferência, na adega do Ti João Neves. Ora, era nessa adega «que costumava aparecer um certo cauteleiro que vinha na camioneta de Loulé pela manhã», a fazer horas para a camioneta de regresso, que só partia, aí pelas cinco e meia da tarde, depois da chegada da camioneta de Lisboa. Sentava-se o cauteleiro na mesa do Ti Zé Vicente e, copito daqui, copito dali, lá começava a desgarrada das quadras, até se cansarem. Do cauteleiro – graças à perspicaz sabedoria do saudoso Professor Joaquim de Magalhães e ao incondicional apoio, em Coimbra, do Tóssan – conhecemos muitos versos, eivados daquela fina ironia e mui saborosa crítica social que ele, António Aleixo, tão bem sabia manejar; do que Ti Zé Vicente lhe contestava e dizia, a ponto de (contam!), por vezes, Aleixo ficar sem resposta, duas cópias restam, garante Joaquim Manuel Dias, e há que pensar seriamente em as dar à estampa já. Aqui se publicam duas dessas ‘décimas’ obrigadas a mote, bem à nossa maneira meridional; outras se incluíram na antologia Poetas da Minha Terra (Junho de 2007, edição do Notícias de S. Braz); vamos, pois, pensar no demais.

Esse é, na verdade, um dos distintivos das nossas gentes. Tivemos – e temos – os canteiros e a rendilhada maravilha das cantarias que nos embelezam fachadas; somos solidários; temos ases no acordeão, na doçaria típica, no minucioso trabalho da cortiça... Mas quem nos tirasse essa impulsiva capacidade brejeira de versejar tirava-nos tudo! Porque rir da vida com as palavras rimadas está bem no sangue do barrocal são-brasense!...

Cascais, fevereiro de 2014

José d'Encarnação